

FREQÜÊNCIA DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA NA REGIÃO VALE DO PARAÍBA, ESTADO DE SÃO PAULO,

DURANTE O PERÍODO - JULHO 2005 A JUNHO DE 2008

SOUZA, M. C. A. M.1; FERRARI, J. J. F.2; VILLALOBOS, E. M. C. ,TORRES JUNIOR, M.D.

Agencia Paulista de Tecnologia dos Agronegócios – Pólo Regional do Vale do Paraíba – Av. Prof.

Manoel César Ribeiro, 320 – Santa Cecília– 12400 970 - Pindamonhangaba – SP - **e-mail:**

cessasouza@uol.com.br

1 APTA – Pólo Regional do Vale do Paraíba – Pindamonhangaba – SP

2. Secretaria Municipal da Agricultura – Jacareí – SP

3. APTA – Instituto Biológico – São Paulo – SP

4. Secretaria da Agricultura e Abastecimento – Escritório de Defesa Agropecuária – Taubaté – SP

INTRODUÇÃO

A Anemia Infecçiosa Equina(AIE) é uma doença transmissível causada por um vírus da família Retroviridae, subfamília Lentivirinae que uma vez instalado no organismo do animal, permanece por toda a vida mesmo quando não manifestar os sintomas clínicos (Issel et al, 1988). É uma doença cosmopolita esta distribuída em todos os continentes e possui importância sócio econômica e de saúde pública. O cavalo doente é o principal elo da cadeia epidemiológica e a fonte de infecção para os eqüídeos que se constituem nos únicos animais susceptíveis a AIE independentemente de raças e sexo e idade. A transmissão do vírus é geralmente relacionada à transferência de sangue e secreção corporal de um animal infectado a um receptor sadio através de picadas de insetos hematófagos. Constitui-se em doença de notificação obrigatória, não tem cura e todos animais reagentes devem ser sacrificados pois não existe tratamento, não existe vacina. No Brasil, é considerada a principal enfermidade da equideocultura e possui prevalências distintas que variam de Estados e regiões (Reis, 1997). Com base nos dados censitários do projeto LUPA de 1995/96, a região do Vale Paraíba – SP conta com uma população em torno de 10.000 eqüídeos, distribuídos na zona rural e urbana e que sofre constantes variações, pois além dos animais da lida diária, possui também um rebanho eqüino de alto valor zootécnico. O trânsito destes animais é intenso, motivado principalmente por existir duas importantes Estâncias Turísticas na região (Aparecida e Campos de Jordão). A área abrangida pela região do Vale do Paraíba apresenta-se bastante heterogênea, tanto em condições de topografia como no que diz respeito ao seu clima, resultando desta forma, em uma diversidade muito grande em termos de exploração agropecuária. O clima se caracteriza predominantemente como mesotérmico, com o verão quente e chuvoso, possuindo inverno seco ameno, com geadas esporádicas A pluviosidade anual média se situa entre os extremos 1.205 e 2.223 mm, favorecendo o desenvolvimento de várias espécies de dípteros hematófagos (mutucas, moscas, mosquitos) que estão implicados na transmissão mecânica do agente da AIE.(Silva et al, 2001). Santos et al, 2001, realizaram um

estudo de frequência de casos positivos de AIE no Estado do Acre, no período de 1986 a 1996 encontrando uma porcentagem de casos positivos que variou de 9,5 a 22,9% em áreas de extrativismo vegetal onde o eqüídeo representa o único meio de transporte.

O objetivo deste trabalho é estimar a frequência de casos positivos de AIE na região do Vale do Paraíba durante o período de julho/2005 a junho/2008 , analisando também a frequência destes casos em relação ao tipo de exploração dos eqüídeos.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram analisadas 2864 amostras de soros de eqüídeos encaminhadas em refrigeração para o Laboratório de Sanidade Animal do Pólo Regional de Pindamonhangaba – SP procedentes de vinte e dois diferentes municípios da Região do Vale do Paraíba. A detecção dos anticorpos contra o vírus da AIE foi realizada com auxílio da prova de Imunodifusão em Gel de Agar a 1%(IDGA) - Teste de Coggins preconizada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária(MAPA) que é o ponto de partida para qualquer controle da doença.

Para a realização da prova empregou-se “Kits” comerciais, licenciados pelo MAPA e produzidos pelo Laboratório Bruch Ltda, seguindo-se todas as recomendações sugeridas pelo laboratório fabricante.

RESULTADOS

Durante o período de julho/2005 a junho/2006, na análise dos soros observou-se à detecção de 15 animais reagentes para AIE dentre 858 soros examinados, resultando em uma frequência $\cong 1,75\%$, no período de julho/2006 a junho/2007 foi detectado um total de 18 animais reagentes dentre 1000 soros examinados, resultando em uma frequência $\cong 1,80\%$ e finalmente durante o período de julho/2007 a junho/2008 detectou-se um total de 18 animais reagentes dentre 1008 soros examinados resultando em uma frequência $\cong 1,79\%$.

Tabela 1: Distribuição do número total de animais reagentes e não reagentes para AIE dos municípios analisados e a frequência da ocorrência dos casos positivos durante o período estudado.

\Muni ci pi o	REAGENTES	NÃO REAGENTES	TOTAL	FREQÜÊNCIA REAGENTES
Aparecida	1	17	18	5,55%
Areias	0	1	1	0
Caçapava	1	157	158	0,63%
Campos do Jordão	3	8	11	27,30%
Cruzeiro	0	3	3	0
Cunha	0	49	49	0
Guaratinguetá	26	655	681	3,82%
Jambeiro	0	1	1	0
Lagoinha	2	23	25	0,80%
Natividade da Serra	1	41	42	2,40%
Pindamonhangaba	7	491	498	1,41%
Potim	0	28	28	0
Roseira	0	10	10	0
Redenção da Serra	0	31	31	0
Santa Branca	0	23	23	0
Santo Antonio Pinhal	0	2	2	0
São Francisco Xavier	0	1	1	0
São José dos Campos	0	3	3	0
São Luisdo Paraitinga	1	25	26	3,85%
Taubaté	9	1128	1137	0,80%
Tremembé	0	116	116	0
TOTAL	51	2813	2864	1,80%

Na Tabela 2: Frequência de animais reagentes para AIE de acordo com o tipo de exploração

\MUNICÍPIO	TRABALHO	ESPORTE	LAZER	REPRODUÇÃO	TOTAL
Aparecida	1	0	0	0	1
Caçapava	0	1	0	0	1
Campos do Jordão	3	0	0	0	3
Guaratinguetá	15	0	10	1	26
Lagoinha	2	0	0	0	2
Natividade da Serra	1	0	0	0	1
Pindamonhangaba	6	0	1	0	7
São Luiz Paraitinga	1	0	0	0	1
Taubaté	3	0	6	0	9
TOTAL	32	1	17	1	51
FREQÜÊNCIA	62,74%	1,96%	33,37%	2,0%	

CONCLUSÃO:

De acordo com os resultados encontrados em nossos estudos, ficou demonstrado que o vírus da AIE encontram-se disseminado em diferentes municípios da região do Vale do Paraíba. A importância epidemiológica da realização do diagnóstico laboratorial para AIE, impedindo o trânsito de animais acometidos pela enfermidade e conseqüentemente a disseminação da doença, se constitui no ponto de partida para o seu controle eficaz e também para o estabelecimento de uma política capaz de atenuar a magnitude do problema na região.

A maior parte do plantel de eqüídeos da região se destina a lida diária e transporte, e esta é a razão dos altos índices encontrados na freqüência deste tipo de exploração.

REFERÊNCIAS

Issel, C.J.; Rushlow, K. E.; Foil, L. D. et al. A perspective on equine infectious anemia with emphasis in vector transmission and genetic analysis. *Vet. Med. Microbiol.*, v.17, p. 251-386, 1988.

LUPA. Levantamento das unidades de Produção Agropecuária- Estatísticas Agrícolas. Estado de São Paulo 1995/1996. Disponível em <http://www.cati.sp.gov.br/novacati/servicos/lupa/lupa.htm> acesso em: 2 de julho de 2008.

Reis, J. K. P. Anemia infecciosa eqüina. Produção de antígenos recombinantes GP90 e P26 do vírus da anemia infecciosa eqüina para uso em imunodiagnóstico. Belo Horizonte:Escola de Veterinária da UFMG, 1997 (Tese doutorado).

Santos, R. M. L.; Reis, J. P. K.; Santos, F. G. A.; Oliveira, I. C. S. Freqüência de anemia infecciosa em eqüinos no Acre, 1986 a 1996. *Arq. Bras. Med. Vet. Zoot.*, v.53, n.3, p.310-315, 2001.

Silva, R. A. M. S.; Abreu, U. G. P.; Barros, A. T. M. Anemia Infecciosa eqüina: epizootiologia, prevenção e controle no Pantanal. Corumbá: EMBRAPA Pantanal, 2001, 30p. (EMBRAPA Pantanal, circular Técnica) . Disponível em:

<http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/CT29> acesso em 25 de Agosto de 2008.

